

Não matará III

Alexandre Sá

Talvez esse seja um dos editoriais mais difíceis de ser escrito. Pelas já sabidas razões nada óbvias que atravessam o cotidiano como clausura de eterno presente. Nos aproximamos atualmente de 180.000 mortos por uma doença endêmica que termina por explicitar nosso pouco preparo, a fragilidade política, a ausência inquestionável de um governo democrático e responsável, a dificuldade de compreensão de uma realidade e/ou de um afeto coletivos e fundamentalmente, a potencialização de uma política necrófila que visa dizimar, como talvez sempre o tenha feito ao longo da história deste país, uma parcela considerável de pobres, pretos, mulheres, LGBTQIA+.

Nesse sentido, escrever qualquer coisa que seja nesse momento parece inóspito e consideravelmente irresponsável. Não há possibilidade alguma de continuarmos com tantas páginas, edições, ensaios, artigos, exposições, curadorias, revistas, projetos e universidades, ignorando o abismo no qual estamos mergulhados, como se a nossa agenda, pela mais absoluta ignorância e perversidade, se mantivesse incólume diante da desgraça que nos inunda.

Sendo assim, apesar de precisar agradecer a toda a equipe que trabalha nesta revista, bem como aos pesquisadores que optaram por enviar seus trabalhos e acreditar na possibilidade de continuidade do pensamento, talvez seja ainda urgente lembrar todos os mortos e deixar a página em branco para que o silêncio retumbe em nossa memória.